

EPICURO: TRANQUILIDADE DA PRUDÊNCIA

TRANQUILITY OF PRUDENCE IN EPICURUS

JOÃO EMANUEL DIOGO*

Resumo: Apresentamos as linhas gerais da teoria epicurista tentando dar consistência ao conceito de ataraxia como meio de encontrar quer o conhecimento, quer a felicidade, e como isso se reflecte na vida em comunidade.

Palavras-chave: Epicuro, ética, ataraxia

Abstract: The general lines of the epicurean theory are presented in order to give consistency to the concept of ataraxia as a way to find both knowledge and happiness, and how this is reflected in community life.

Keywords: Epicurus, ethics, ataraxia

Résumé: L'article donne une perspective générale de la théorie épicurienne en essayant de donner corps à la notion d'ataraxie comme un moyen de découverte, de connaissances ou de bonheur, et comment cela se reflète dans la vie communautaire.

Mots-clés: Épicure, éthique, ataraxie

“Todo o prazer é um bem [...] toda a espécie de dor é um mal”¹ – Epicuro.

Numa vida longa (341-271 a.C.), e, de certo modo tranquila, numa época de muitas incertezas sociais e políticas, Epicuro apresenta uma filosofia da

* Investigador do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos e colaborador do Polícredos: Observatório da religião no espaço público (CES). E-mail: joaoediogo@gmail.com

¹ Epicuro – *Carta sobre a felicidade*. (Lisboa: Relógio D'Água, 1994), p. 30 (tradução de João Forte).

tranquilidade, opondo-se a toda a perturbação que certas actividades, e desde logo a actividade política, trazem à vida do homem. Diógenes dirá dele:

“por excesso de equidade não se empenhou na vida política”².

Se é certa tal premissa – do afastamento da vida pública, tal não quer dizer que a filosofia de Epicuro não contenha em si mesma uma influência na vida da comunidade. Reflecte-se isto na intensa campanha de *innuendos* que “rivais” filosóficos puseram a circular sobre Epicuro e seus discípulos, como Diógenes Laércio nos lembra³.

Para tal facto não é indiferente as críticas que Epicuro faz à sociedade sua contemporânea, quer aos determinismos físico e sobrenatural, quer, pela sua própria vida, à opulência dos poderosos. Devemos frisar que Epicuro procura a liberdade perante as coisas, e perante a sociedade. Dessa maneira podemos considerá-lo como *ἁδέσποτος*⁴, seguindo assim também aqui a máxima de Demócrito

“a pobreza numa democracia é mais desejável que o bem-estar em tirania, como a liberdade é mais desejável que a escravidão”⁵.

Quanto aos determinismos, Epicuro faz notar, muito antes das críticas modernas à religião, que a superstição da providência – isto é, a intervenção dos deuses na existência humana, sobretudo castigando ou premiando as acções, e mesmo a questão da imortalidade, da vida após a morte no Hades – apenas traz medo à existência, relembrando o seu mestre Demócrito de Abdera:

“a interpretação sobrenatural no curso das coisas parecia-lhe fonte de terror, e a imortalidade, fatal à esperança de descansar da pena. Então construiu uma doutrina para curar os homens das crenças que inspiram medo”⁶.

² Diogenes Laertius, *Vitae philosophorum*, X, 10: ὑπερβολῇ γὰρ ἐπιεικείας οὐδὲ πολιτείας ἤψατο (quando não indicado as traduções do grego são nossas. O texto grego utilizado pode encontrar-se em Diogenes Laertius, *Lives of eminent philosophers*. (London: William Heinemann, 1925), estabelecido por R. D. Hicks).

³ Diogenes, *Vitae*, X, 3 e ss.

⁴ Robert Lenoble, *História da ideia de natureza*. (Lisboa: Edições 70, 1990), p. 87.

⁵ Stobaeus, IV.1.42: Ἡ ἐν δημοκρατίῃ πενίη τῆς παρὰ τοῖς δυνάστησι καλεομένης εὐδαιμονίης τοσοῦτόν ἐστι αἰρετωτέρη, ὁκόσον ἐλευθερίῃ δουλείης. Sobre as principais linhas éticas de Demócrito veja-se o nosso “Atomismo ético de Leucipo e Demócrito”, *Boletim de Estudos Clássicos* n.º 61, pp. 67-68.

⁶ Bertrand Russel, *História da filosofia ocidental: e sua conexão política e social desde os tempos primitivos até hoje*. (Lisboa: Círculo de Leitores, 1978), p.194.

Por isso, não se deve olhar para o futuro nem em termos de *esperança* nem de *desesperança*:

“o futuro não é completamente nosso, nem completamente não nosso, de modo a não o esperarmos como devendo necessariamente existir e a não desesperar como se devesse absolutamente não existir”⁷.

Aliás, diz sobre a imortalidade Epicuro:

“A adequada tomada de consciência de que a morte nada tem a ver connosco faz com que o carácter mortal da vida não provoque cuidados: não lhe concedendo uma duração infinita, mas suprimindo-lhe o desejo de imortalidade. Nada há de temível na vida, para quem está verdadeiramente consciente de que nada existe também de terrível em não viver. Estúpido é pois aquele que afirma ter medo da morte não porque sofrerá ao morrer mas por sofrer com a ideia de que ela há-de chegar [...] quando somos a morte não é, e quando a morte é somos nós que já não existimos”⁸.

Esta crítica não implica que deuses não existam. Ele próprio afirma “os deuses existem”⁹. Mas não como superstição, ou, como ele diz, à maneira da *multidão*:

“não existem [os deuses] como a multidão os representa: a multidão não se preocupa em manter a coerência dos pensamentos. Não é ímpio aquele que recusa os deuses da multidão, mas o que atribui aos deuses as superstições da multidão”¹⁰.

Os deuses, afinal, não se interessam pelos assuntos mundanos

“vivendo a sua própria vida em ininterrupta tranquilidade”¹¹.

Pelo lado dos determinismos físicos, apesar de aceitar a teoria atomista, apresenta uma versão alternativa: se no atomismo há um determinismo, uma necessidade, Epicuro vem fazer notar que o movimento dos átomos pode-

⁷ Epicuro, *Carta*, p. 29.

⁸ Epicuro, *Carta*, p. 28. Na verdade, na sua crítica à imortalidade, já iniciada em Demócrito, o argumento de Epicuro mantém toda a sua justeza. Não estamos certos de que o argumento funcione da mesma maneira para o *não-medo da vida* que tal implicava para Epicuro. Certo que dentro do argumento do medo, que ele tenta eliminar, seguramente que é válido. Mas da recusa do medo causado pela superstição da imortalidade não se deduz que a vida não seja temível.

⁹ Epicuro, *Carta*, p. 28.

¹⁰ Epicuro, *Carta*, p. 28.

¹¹ Anthony Kenny, *História concisa da filosofia ocidental*. Lisboa: Temas e Debates, 1999, p. 121.

rá implicar um desvio, colidindo uns átomos com outros formando coisas novas.

De modo sucinto¹², Epicuro entende, como Demócrito, que nada vem do não ser¹³, e tudo no universo é composto de corpos e vazio, sublinhando que nada existe para lá disto. É por esta constituição, que Epicuro chega à conclusão da infinitude do universo. Pelo número de corpos (infinito) e pela grandeza do vazio (infinito) podemos justificá-lo:

“Porque se o vazio fosse infinito e os corpos finitos, os corpos não ficariam em nenhuma parte, mas seriam dispersados no seu caminho através do vazio ilimitado, e não teriam nada que os suportasse e onde resistissem¹⁴; e se o vazio fosse finito, e os corpos infinitos não teriam nenhum lugar onde estar”¹⁵.

Se por um lado os corpos são atestados pelas sensações, o vazio (ou espaço ou natureza intangível) é inferido, pois sem ele os corpos não teriam um lugar para estar ou para se movimentar.

Epicuro divide os corpos em dois tipos: por um lado os corpos indivisíveis, imutáveis, incorruptíveis¹⁶, e estes são incompreensíveis nas suas diferenças (ainda que estas não sejam ilimitadas):

“Os átomos de cada configuração são infinitos, mas a sua variedade, ainda que grande, não é absolutamente infinita”¹⁷.

Por outro lado, os corpos compostos, constituídos pela agregação dos anteriores e são dissolúveis novamente em átomos.

Também a alma será constituída por átomos, como os atomistas afirmavam: “os átomos da alma estão distribuídos pelo corpo”¹⁸. E é por isso que a morte deixará de ser problemática pois na morte, na decomposição dos

¹² Para mais detalhe e outra bibliografia veja-se, por exemplo, Pierre-Marie Morel – “Epicureanism”. In: Marie Louise Gill e Pierre Pellegrin (ed.), *A Companion to Ancient Philosophy*. (Oxford: Blackwell, 2006), pp. 486-504 e Lenoble, *História*.

¹³ Cf. Diogenes, *Vitae*, X, 38.

¹⁴ No sentido da colisão provocada pelo movimento.

¹⁵ Diogenes, *Vitae*, X, 42: εἰ τε γὰρ ἦν τὸ κενὸν ἄπειρον, τὰ δὲ σώματα ὠρισμένα, οὐθαμοῦ ἂν ἔμενε τὰ σώματα, ἀλλ' ἐφέρετο κατὰ τὸ ἄπειρον κενὸν διεσπαρμένα, οὐκ ἔχοντα τὰ ὑπερείδοντα καὶ στέλλοντα κατὰ τὰς ἀνακοπὰς: εἰ τε τὸ κενὸν ἦν ὠρισμένον, οὐκ ἂν εἶχε τὰ ἄπειρα σώματα ὅπου ἐνέσθῃ.

¹⁶ Cf. Diogenes, *Vitae*, X, 40-41.

¹⁷ Diogenes, *Vitae*, X, 42: καὶ καθ' ἐκάστην δὲ σχημάτισιν ἀπλῶς ἄπειροί εἰσιν αἱ ὁμοίαι, ταῖς δὲ διαφοραῖς οὐχ ἀπλῶς.

¹⁸ Russel – *História*, pp.194-195. Átomos subtile, poderíamos dizer seguindo Kenny e relembando a subtileza do conhecimento da alma em Demócrito (cf. Kenny, *História*, p. 121).

corpos, decompõem-se também as almas, não podendo existir almas como átomos separados antes como conjunto de átomos em um corpo: “na morte a alma dispersa-se e os átomos que continuam a existir, não são capazes de sensação, por já não estarem ligados com o corpo”¹⁹.

Reside aqui o cerne da filosofia de Epicuro:

“a morte nada é, pois todo o bem e todo o mal residem na sensação, e a morte é a erradicação das sensações”²⁰,

ou numa outra formulação,

“a morte nada é para nós: porque o que se dissolve é insensível, e o insensível nada é para nós”²¹.

É na sensação que reside o “problema” filosófico que Epicuro quer resolver, quer na sua representação de *prazer* quer na sua representação de *dor*, isto é, na procura da *felicidade* (εὐδαιμονία). Se a morte é nada, então é na vida que podemos encontrar aqueles que são os caracteres do *propriamente humano*, e por isso, onde reside o *bem* e o *mal*. E vida, aqui, mais não são que as sensações, onde *tudo* se joga.

Ora, a importância da filosofia vem precisamente pela sua identificação com a purificação da alma ou procura da felicidade²² como τέλος do homem (e por isso mesmo, nas suas *Cartas*, Epicuro exorta (através da προτρεπτικός) à filosofia e ao estudo da física (φυσιολογία):

“devemo-nos, pois, preocupar com aquilo que cria a felicidade, já que com ela possuímos tudo e sem ela tudo fazemos para a obter”²³.

Por isso não há idade nem hora para a filosofia:

“para ninguém é demasiado cedo nem demasiado tarde para a purificação da alma”²⁴,

que é ao mesmo tempo prática e especulativa, já que exige do discípulo meditação dos ensinamentos e a sua integração na vida. O próprio Epicuro afirma que é esse estudo que lhe traz a serenidade²⁵.

¹⁹ Russel – *História*, p.195.

²⁰ Epicuro, *Carta*, p. 28.

²¹ Diogenes, *Vitae*, X, 139: Ὁ θάνατος οὐδὲν πρὸς ἡμᾶς: τὸ γὰρ διαλυθὲν ἀναισθητεῖ: τὸ δ' ἀναισθητοῦν οὐδὲν πρὸς ἡμᾶς.

²² “Vana es la palabra del filósofo que no remedia ningún sufrimiento del hombre”. Epicuro citado por GUIÁN, Esperanza – *Introducción a la ética*. Madrid: Cátedra, 1995, p. 128.

²³ Epicuro, *Carta*, p. 27.

²⁴ Epicuro, *Carta*, p. 27.

²⁵ Cf. Diogenes, *Vitae*, X, 37.

Neste sentido todos os que estudam as obras de Epicuro devem ter presente que tudo o que existe é divisível em átomos e deste modo conhecer a totalidade de uma teoria é também ser capaz de a dividir nos seus detalhes.

Mas para se encontrar a paz, isto é, uma vida apaziguada, é preciso seguir um método que permita não se ficar pela pura discussão das opiniões. Para isso, entende Epicuro que um uso correcto da linguagem deve ser o primeiro dos preceitos do filósofo, pois é esta o meio de um raciocínio válido. Para que este seja válido é necessário utilizar rigorosamente as palavras, distinguindo com clareza os conceitos, evitando a confusão que as discussões lógicas e silogísticas permanecem. Pela distinção dos sentidos clarificam-se os conceitos, mas também se descobrem os conceitos vazios, isto é, as palavras vocais que não têm nenhum referente.

Assim se poderá tornar sábio: não temendo a morte nem temendo a vida, e procurando o tempo mais *agradável* de vida (mais do que a sua longevidade), e tanto mais agradável quanto mais tranquilo. Por isso a importância do conceito de ἀταραξία, significando calma e impassividade²⁶:

“Mas a tranquilidade [ἀταραξία] consiste em libertar-se de todos esses [problemas] e guardar na memória os elementos completos e capitais”²⁷.

Libertar-nos de todos os temores pela investigação das causas das coisas²⁸, e, ao conhecermos melhor o mundo, atingir a calma. Este é o objectivo.

Ora este objectivo atinge-se também pela prossecução dos prazeres, que advêm dos desejos e que Epicuro distingue entre naturais e vãos, sendo que aqueles são divididos em necessários à vida, à felicidade, isto é, à ausência de sofrimento, e os apenas naturais. Daqui decorre que a escolha e rejeição dos desejos devem motivar-se pelo τέλος da vida²⁹:

“a saúde do corpo e a serenidade da alma”³⁰,

isto é,

“tudo fazemos para evitar o sofrimento e a inquietação”³¹.

²⁶ Cf. Henry George Liddell e Robert Scott, *A Greek-English Lexicon*. (Oxford: Clarendon Press, 1996).

²⁷ Diogenes, *Vitae*, X, 82: ἡ δὲ ἀταραξία τὸ τούτων πάντων ἀπολελύσθαι καὶ συνεχῇ μνήμην ἔχειν τῶν ὅλων καὶ κυριωτάτων.

²⁸ Cf. Diogenes, *Vitae*, X, 83.

²⁹ Na feliz designação de Alice Germain, “uma espécie de **dietética da felicidade**”. GERMAIN, Alice Germain, “Prólogo”. In: AA.VV., *A mais bela história da felicidade*. (Lisboa: Texto & Grafia, 2009), p. 8.

³⁰ Epicuro, *Carta*, p. 29.

³¹ Epicuro, *Carta*, p. 30.

Atinge-se um estado (da alma) apaziguado,

“quando não sofremos já não temos necessidade do prazer”³².

O prazer passa a ser central na vida do homem e confunde-se com a próprio τέλος da vida:

“o prazer é o princípio e o fim da vida bem-aventurada”³³.

Nascemos com ele, é ele o princípio que observamos para escolher e rejeitar qualquer coisa ou acção, é ele o princípio de *juízo*, de acordo com

“o efeito que tem na nossa sensibilidade”³⁴.

Esta é, de facto, uma questão primordial, porque não se deve prosseguir todos os prazeres. Alguns trazem a dor, e desses devemos fugir. Antes devemos analisar as vantagens e desvantagens de cada prazer e daí retirar uma decisão. Por exemplo, beber álcool pode dar prazer mas as maleitas e sofrimento que se seguem permite calcular que o benefício não é grande.

Também não devemos esquecer que toda a ética clássica se dirigia a uma ἀρετή. O homem era chamado a uma excelência e por isso os prazeres a gozar deveriam ter *uma certa qualidade*,

“pois nem a bebida, nem os festins contínuos, nem os rapazes ou as mulheres de que se usufrui, nem o deleite dos peixes e de tudo aquilo que pode haver numa mesa faustosa estão na origem de uma vida feliz”³⁵.

No entanto, os princípios de que

“todo o prazer é um bem”³⁶, porque tem “uma natureza apropriada à nossa”³⁷,

e que

“toda a espécie de dor é um mal”³⁸,

não são absolutos na sua perseguição: não temos de *colher* todos os prazeres nem *fugir* de todas as dores. Devemos considerar quais as consequências de uns e de outras, na tentativa de criar uma vida apaziguada:

³² Epicuro, *Carta*, p. 30.

³³ Epicuro, *Carta*, p. 30.

³⁴ Epicuro, *Carta*, p. 30.

³⁵ Epicuro, *Carta*, p. 31.

³⁶ Epicuro, *Carta*, p. 30.

³⁷ Epicuro, *Carta*, p. 30.

³⁸ Epicuro, *Carta*, p. 30.

“o raciocínio sóbrio, que procura as causas de toda a escolha e toda a rejeição”³⁹

é o que nos permite tal escolha. Por isso é tão importante a noção de *prudência* (φρόνησις)⁴⁰ (que já no atomismo aparecia como moderação e proporção,) como a mãe de todas as virtudes, até “mais preciosa que a filosofia”⁴¹. Aliás, Epicuro identificará virtude com viver com prazer: ninguém vive com prazer sem as virtudes da prudência, da honestidade e da justiça:

“É impossível viver uma vida agradável sem viver sabiamente, bem e com justiça, e é impossível viver sabiamente, bem e justamente sem viver agradavelmente. Sempre que faltar qualquer um destes, (quando, por exemplo, o homem não é capaz de viver sabiamente), embora viva bem e justamente, é impossível para ele viver uma vida agradável”⁴².

O homem poderá satisfazer, por exemplo, a necessidade da comida com frugalidade. Não porque a frugalidade seja um bem em si mesma, mas por *prudência*: “a habitação a regimes simples e não dispendiosos é um factor de saúde, torna o homem activo nas ocupações necessárias à vida, mais apto a apreciar, sendo caso disso, as refeições luxuosas e faz perder o receio pelos acasos da Sorte”⁴³. Alcançar o prazer significa tão só:

“alcançar o estágio em que não se sofre no corpo e não se está perturbado na alma”⁴⁴.

Tudo o que estiver a mais desse objectivo é *dissolução* que perturba a alma e faz sofrer o corpo. Vivendo assim o homem será “como um deus”⁴⁵, pois nada o poderá perturbar.

³⁹ Epicuro, *Carta*, p. 31.

⁴⁰ “O princípio de tudo isto e o maior dos bens é a prudência”. Epicuro, *Carta*, p. 31. Aqui aproxima-se da visão ética de Aristóteles da φρόνησις como sabedoria prática.

⁴¹ Epicuro, *Carta*, p. 31.

⁴² Diogenes, *Vitae*, X, 140: Οὐκ ἔστιν ἡδέως ζῆν ἄνευ τοῦ φρονίμως καὶ καλῶς καὶ δικαίως, <οὐδὲ φρονίμως καὶ καλῶς καὶ δικαίως> ἄνευ τοῦ ἡδέως. ὅτῳ δὲ τοῦτο μὴ ὑπάρχει ἐξ οὗ ζῆν φρονίμως, καὶ καλῶς καὶ δικαίως ὑπάρχει, οὐκ ἔστι τοῦτον ἡδέως ζῆν.

⁴³ Epicuro, *Carta*, p. 31.

⁴⁴ Epicuro, *Carta*, p. 31.

⁴⁵ Epicuro, *Carta*, p. 32.

Mas toda esta vivência é, para Epicuro, melhor praticada em comunidade⁴⁶. Por isso, ele constituiu, por assim dizer, uma *comuna* filosófica onde o ensino e a meditação sobre as suas teses eram a parte central, mas também procuravam a auto-suficiência que, no fundo, deriva da sua teoria⁴⁷.

É no seu testamento que podemos verificar a importância da comunidade pois Epicuro impele os seus “herdeiros” a preservar toda a vida comunitária, mantendo os *rituais* que ele mesmo definirá, como a celebração do dia do seu nascimento⁴⁸.

Afastada do resto da sociedade, a tranquilidade da comuna é a verdadeira acção da prudência do filósofo.

⁴⁶ Sobre o contexto da comunidade veja-se Manuel Fernández-Galiano, “Epicuro y su jardín”. In: Victoria Camps, *Historia de la ética 1: de los griegos al renacimiento*. (Barcelona: Editorial Crítica, 1987), p. 248 e ss.

⁴⁷ “A vida em comunidade era muito simples, em parte por princípio, em parte (sem dúvida) por falta de dinheiro”. Russel – *História*, p.192.

⁴⁸ Cf. Diogenes, *Vitae*, X, 16-22. Na verdade, cremos haver em Epicuro um certo culto da personalidade traduzida nestas especificações, mas também na importância sempre reiterada que os seus “discípulos” continuamente meditem nas suas palavras e aprendam “uma espécie de credo indiscutível” Russel – *História*, p.192.

